



**DOSSIÊ TEMÁTICO:**

**CIDADES E URBANIZAÇÃO NA ÁFRICA SUBSAARIANA E EM  
MOÇAMBIQUE**

**Artigo**



**A IMIGRAÇÃO AFRICANA E OS NOVOS ESPAÇOS URBANOS  
NO MUNICÍPIO DA CIDADE DE MAPUTO**

**AFRICAN IMMIGRATION AND THE NEW URBAN SPACES IN THE  
MUNICIPALITY OF THE CITY OF MAPUTO**

**IMMIGRATION AFRICAINE ET NOUVEAUX ESPACES URBAINS DANS LA  
VILLE DE MAPUTO**

*Por Inocência Felicidade Bata Muianga & Inês Macamo Raimundo*

*Inocência Felicidade Bata Muianga*  
Doutoranda em Geografia  
Universidade Pedagógica de Maputo,  
Maputo, Moçambique  
Contato: inocenciafelicidade@gmail.com

*Inês Macamo Raimundo*  
Universidade Eduardo Mondlane, Maputo,  
Moçambique.  
Contato: inesmacamo@gmail.com

Como citar:  
MUIANGA, I.F.B; RAIMUNDO, I.M. (2023). A  
migração africana e os novos espaços urbanos no  
município da cidade de Maputo. **Boletim  
GeoÁfrica**, v. 2, n. 5, p. 22-36, jan-mar., 2023.

Recebido: 14/02/2023

Aceite: 21/03/2023



**RESUMO.** Os estudos de migração enfatizam as causas dos movimentos populacionais, impacto demográfico e econômico e distribuição espacial dos fluxos migratórios dando menor foco aos novos espaços urbanos criados por aqueles que vieram de outros lugares dentro dos territórios africanos. O foco deste estudo são os imigrantes africanos na cidade de Maputo no sentido de compreender as peculiaridades deste fenômeno nas cidades africanas. É notável que novos bairros estão sendo formados por moradores da África Ocidental, Oriental e Austral. Que tipos de assentamentos eles criaram? O que é que eles trouxeram, em termos para os negócios, a arquitetura e os modos de se vestir? A metodologia usada para os objetivos preconizados na pesquisa foi qualitativa e bibliográfica, as análises dos resultados dos censos da população e a observação dos principais fenômenos marcantes da migração na cidade de Maputo. Um olhar sobre a cidade e os dados censitários dos quarenta anos após a independência de Moçambique, é possível concluir que os índios e portugueses já não são os principais “constructores” de infraestruturas para fins habitacionais na cidade de Maputo. Os migrantes africanos tornaram-se os novos constructores, os criadores do novo mapa geográfico da cidade, que ousamos dizer que uma nova geografia da cidade de Maputo veio a existir devido a esses factos.

**Palavras-chave:** Migrantes africanos. Cidade de Maputo. Novos espaços urbanos.

**ABSTRACT.** Migration studies emphasize the causes of population movements, demographic and economic impact and spatial distribution of migratory flows, giving less focus to new urban spaces created by those who came from elsewhere within African territories. The focus of this study is African immigrants in the city of Maputo in order to understand the peculiarities of this phenomenon in African cities. It is notable that new neighborhoods are being formed by residents from West, East and Southern Africa. What kind of settlements did they create? What did they bring, in terms of doing business, architecture and clothing? The methodology used for the objectives recommended in the research was qualitative and bibliographical, the analysis of the results of the population censuses and the observation of the main striking phenomena of migration in the city of Maputo. A look at the city and census data from the forty years after Mozambique's independence, it is possible to conclude that the Indians and Portuguese are no longer the main “builders” of infrastructure for housing purposes in the city of Maputo. African migrants became the new builders, the creators of the new geographic map of the city, which we dare to say that a new geography of the city of Maputo came into being due to these facts.

**Key-words:** African migrants; Maputo city; New urban spaces.

**RÉSUMÉ.** Les études sur la migration mettent l'accent sur les causes des mouvements de population, l'impact démographique et économique et la répartition spatiale des flux migratoires, accordant moins d'attention aux nouveaux espaces urbains créés par ceux qui sont venus d'ailleurs sur les territoires africains. L'objet de cette étude est l'immigration africaine dans la ville de Maputo afin de comprendre les particularités de ce phénomène dans les villes africaines. Il est à noter que de nouveaux quartiers sont formés par des résidents d'Afrique de l'Ouest, de l'Est et du Sud. Quels types de colonies ont-ils créés ? Qu'ont-ils apporté, en termes de business, d'architecture et de vêtements ? La méthodologie utilisée pour les objectifs préconisés dans la recherche a été qualitative et bibliographique, l'analyse des résultats des recensements de population et l'observation des principaux phénomènes marquants de migration dans la ville de Maputo. Un regard sur les données de la ville et du recensement des quarante années après l'indépendance du Mozambique, il est possible de conclure que les Indiens et les Portugais ne sont plus les principaux « constructeurs » d'infrastructures à des fins de logement dans la ville de Maputo. Les migrants africains sont devenus les nouveaux bâtisseurs, les créateurs de la nouvelle carte géographique de la ville, dont on ose dire qu'une nouvelle géographie de la ville de Maputo est née de ces faits.

**Mots clés:** Migrants africains; Ville de Maputo; Nouveaux espaces urbains.



## INTRODUÇÃO

O artigo propõe uma análise sobre as migrações africanas na cidade de Maputo no período compreendido entre 2007 e 2021. Em todo o mundo, assim como em África e especificamente na capital de Moçambique, as migrações têm se constituído como um dos fenómenos sociais que mais influenciam a dinâmica do território urbano, mediante seus impactos sobre as estruturas demográficas, sociais e económicas. Os estudos sobre as imigrações internacionais não apresentam a mesma importância em função dos países e das regiões do mundo. Patrício e Peixoto (2018) consideram que, para o continente africano, sua menor visibilidade se deve aos menores recursos alocados para a investigação do fenómeno migratório e a menor ocorrência do fenómeno no continente, apesar do mesmo constituir uma região emissora e receptora de migrantes na actualidade. Adepoju (2001) ressalta que os processos migratórios que se desenvolvem a Sul do equador, e sobretudo na África, só recentemente começaram a merecer atenção por parte dos estudiosos. Trenor (2008), concordando com este posicionamento, adverte que a ausência de dados demográficos actualizados, faz com que os estudos de população têm um carácter especulativo. Sobre este aspecto, os principais problemas relacionam-se com o relativo défice dos censos demográficos, o controle fronteiriço deficiente e os elevados índices de informalidade na organização da sociedade.

Por seu turno, Bakewell e Jonsson (2011) consideram que as pesquisas sobre as migrações para as cidades africanas costumam analisar os movimentos migratórios internos, rural-urbano, urbano-urbano, pendulares, deixando de lado os fluxos populacionais internacionais africanos. Elas negligenciam, desta forma, o papel destes nas áreas urbanas dos diversos países.

Mas, é sabido que desde a época colonial, a migração rural-urbana, que servia os interesses das economias coloniais, impulsionou o crescimento das cidades africanas. O êxodo rural faz, portanto, historicamente parte do processo de mudança da dinâmica social da vida urbana e de transformação do espaço urbano. Estudos recentes indiquem, no entanto, um decréscimo das migrações intra-africanas e das migrações rurais em direção a cidade. Contudo a maioria dos migrantes africanos continua a mover-se dentro do continente e as migrações internacionais continuam a envolver um número importante de pessoas (FLAHAUX et al., 2016).



Raimundo (2020), citando Rocho Trindade (2015), constatou a dificuldade de identificar a composição dos fluxos migratórios entre um lugar e outro, sobretudo tratando de estrangeiros que atravessaram fronteiras sem declarar quando e em que circunstâncias o fizeram e sem esclarecer o tempo de permanência no país de chegada. Para a mesma autora, os dados disponibilizados pelo IV Recenseamento Geral da População em Moçambique de 2017, último censo populacional realizado no país, são dispersos e foram publicados somente em 2019, portanto dois anos mais tarde. Outra dificuldade para o estudo das migrações internacionais no país é relacionada ao posicionamento das instituições oficiais do Estado moçambicano, como o Serviço Nacional de Migração, que têm a responsabilidade de fazer os registos e lidar com esse tipo de informação, mas que não disponibilizam informações apresentadas como classificadas e confidenciais. Em decorrência das dificuldades de âmbito metodológico para o desenvolvimento de uma pesquisa quantitativa, recorreremos a uma pesquisa bibliográfica de obras publicadas no país e no estrangeiro que versam sobre o assunto. Os principais conteúdos deste artigo destacam a evolução do fenómeno migratório em África e em Moçambique, levando em consideração as fases e factores associados, a relação entre a dinâmica migratória em África e os processos espaciais urbanos daí decorrentes.

## EVOLUÇÃO DAS MIGRAÇÕES EM ÁFRICA

Desde os períodos mais remotos da história até a actualidade, o fenómeno migratório sempre se manifestou no continente africano, assumindo diferentes formas e dinâmicas ao longo dos diferentes contextos sociais, económicos e políticos que o continente atravessou. Na época pré-colonial, Trenor (2008) evidencia que os movimentos migratórios eram, na sua generalidade, de carácter espontâneo, se desenvolvendo de forma circular, estacionária e nómada, isto é correspondiam a movimentos de pastores e agricultores que se deslocavam segundo as estações do ano ou alterações do clima. Estavam ainda associados ao comércio de escravos e as rotas comerciais com outros continentes, nomeadamente a Europa e Ásia (PATRÍCIO, 2005).

Sob a vigência do sistema colonial, segundo Tolentino (2009) e Patrício (2015:89), os padrões das migrações africanas mudaram consideravelmente. O novo sistema económico e político contribuiu para alavancar o processo migratório, uma vez



que introduziu e implementou estruturas económicas do sistema capitalista como o trabalho forçado, mudanças políticas, traçou limites territoriais novos e impus novos regimes fiscais assim como a construção de infraestruturas para o desenvolvimento do imperialismo colonial.

Alvear (2008) estabelece uma relação entre a colonização do continente e o desenvolvimento dos processos migratórios ao afirmar que o colonialismo se constituiu como factor de novas configurações geopolíticas alterando as estruturas sociais e económicas através da construção de ferrovias e rodovias, da implantação de novas redes comerciais, da introdução de impostos, de plantações agrícolas e de sítios de mineração. Os principais movimentos migratórios da época colonial em Africa eram sazonais e direccionados para áreas agrícolas ou voltados para as zonas de mineração. Os fluxos eram também direccionados para as cidades, na região menos urbanizada do mundo. Os movimentos migratórios das áreas rurais para os espaços urbanos conheceram um incremento neste período, devido a necessidade de garantir mão-de-obra trabalhadora às empresas e à administração colonial.

Apos o período da colonização, os processos migratórios assumiram novos contornos e se acrescentaram novas forças que contribuiram para a sua evolução. Os movimentos dos refugiados aumentaram o volume da população migrante, em consequência dos conflitos político-militares que assolam suas áreas de origem (ALVEAR, 2008). Podem se mencionar como exemplos desses confrontos aqueles ocorridos nas décadas de 1980 e 1990 e no início do século XXI no Oeste e Leste do continente. Actualmente, apesar de se pensar que a grande maioria dos migrantes africanos se dirigem para fora do continente, Trenor (2008) mostra que os fluxos migratórios são mais intrarregionais e intracontinentais do que extracontinentais.

Em Africa, como em todas as partes do mundo, as principais motivações para a emigração estão relacionadas a questões socioeconómicas. Mas devemos considerar, também, os fluxos de deslocados internos e de refugiados. Esses últimos residem fora do seu país de origem onde não podem regressar em virtude de perseguições que sofrem por conta da sua raça, religião, filiação política ou pertencimento a um determinado grupo social.



## AS MIGRAÇÕES EM ESPAÇOS URBANOS AFRICANOS

Assim como aconteceu no período colonial, as cidades africanas continuam exercendo um papel de atração sobre a população residente no campo. Dentre as causas desta continuidade podemos destacar as possibilidades de adquirir bens graças à acumulação de dinheiro através do trabalho remunerado e a oferta de serviços de educação e saúde de melhor qualidade do que nos espaços rurais. No entanto, desemprego, pobreza e precariedade das infraestruturas nos espaços urbanos conferem ao êxodo rural uma dimensão cada vez mais irracional. Beauchemin e Bocquier (2004), evocam a teoria das luzes brilhantes para explicar a continuidade do deslocamento campo/cidade. Esta teoria foi rejeitada por Harris e Todaro (1970) que argumentam que a decisão de migrar é causada por um cálculo de ganhos esperados mais do que pela obtenção de ganhos reais, reconhecendo que o sector informal oferece meios de subsistência para a população imigrante que chegava as cidades ao mesmo tempo que favorece a diversidade das fontes de renda.

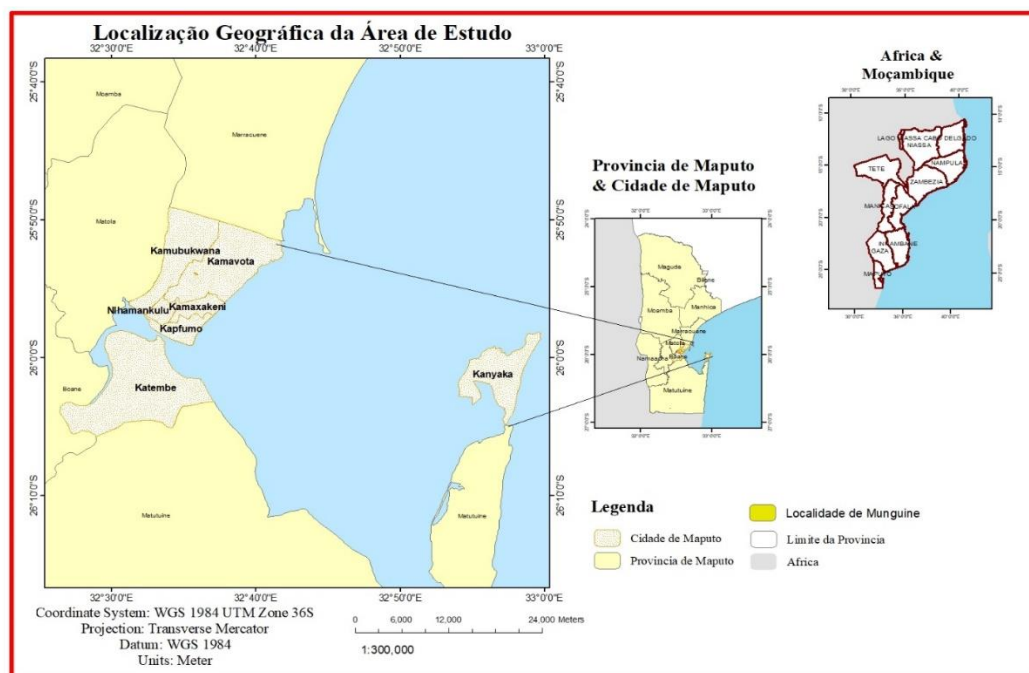
Já na visão de Cocquery-Vidrovitch (2005), as cidades africanas são associadas ao desenvolvimento das informalidades, como lugar dos males socioeconômicos. Nas áreas urbanas, os imigrantes chegam fugindo da insegurança do meio rural, da instabilidade política, da pobreza, da falta de alimentos, da desertificação, da desflorestação, de secas, cheias e inundações, bem como de guerras endêmicas que se manifestaram em fortes factores impulsionadores de migrações internas e internacionais no continente (CAMBRÉZI, 2007; PATRÍCIO, 2015). As correntes migratórias internacionais em Africa, também se explicam pelos diferenciais de salários que existem entre os países mais desenvolvidos e favorecidos economicamente e a fraca capacidade para a criação de empregos novos observáveis em muitos países (PATRÍCIO, 2005).

## RESULTADOS DA PESQUISA

Moçambique é um país que se localiza na costa oriental de Africa Austral e tem fronteiras com Tanzânia (Norte); Malawi e Zâmbia (Noroeste); Zimbabwe, Africa do Sul e Enswatini (Oeste); e Africa do Sul (Sul). Ao Leste, o canal de Moçambique (Oceano Índico) separa Moçambique de Madagáscar. A cidade de Maputo, conhecida como Lourenço Marques no período colonial, é a capital do país. Esta localiza-se na parte sul

do país, a 120 Km da fronteira com a África do Sul e a 80 Km da fronteira com o reino de Enswatini. Astronomicamente, a sua localização corresponde a latitude de 25°49' 00" Norte e 26°05'23" Sul, e a longitude de 33°00'00" Este e 32°26'15"Este (figura 1).

Figura 1. Localização geográfica da cidade de Maputo.



Fonte: Laboratório de GIS-UPM

Bucci (2018) considera que as migrações internacionais ocorrem por períodos mais ou menos longos entre países distintos, de modo que os migrantes possuem nacionalidades diferentes daqueles do Estado que os recebem. Estes movimentos são resultado de dificuldades económicas que incentivam o candidato a avaliar os ganhos de rendimento que a migração é suscetível de propiciar (Boa, 2016). Os imigrantes internacionais podem ser classificados como legais (aqueles que migraram com a permissão do Estado acolhedor), ilegais (os que migram sem a permissão do país de acolhimento) e refugiados (aqueles que atravessam a fronteira para escapar de alguma perseguição) (MURPHY, 2018).

A história dos movimentos imigratórios em Moçambique após a independência é sintetizada por Sarmiento *et al* (2009), que distingue três períodos principais. O primeiro período é marcado pelo retorno de portugueses ao país, com a expectativa de recuperar os bens deixados no país na ocasião da independência; o segundo período envolveu



asiáticos (paquistaneses e bengaleses) que investiram no comércio; mais recentemente observamos uma vaga de imigrantes de todo o mundo, incluindo-se de países africanos.

Por sua parte, Raimundo (2020) propõe outra periodização, destacando um primeiro período marcado pela imigração árabe, seguido pela era da imigração portuguesa e, mais recente, por um período caracterizado por fluxos migratórios oriundos dos vários quadrantes do mundo. Com o fim da guerra civil em Moçambique, reiniciaram-se processos de imigração internacional motivados pela reconstrução nacional, novas oportunidades de negócio e de cooperação. Mais recentemente, os movimentos migratórios tornaram-se mais dinâmicos com o início da exploração do gás natural e outros recursos minerais.

O grupo dos imigrantes africanos é diversificado. Eles são tradicionalmente provenientes da região austral de África (zimbabueanos e sul africanos), dos Grandes lagos (burundeses, congolezes) e da África Ocidental (senegaleses, nigerianos, malianos, guineenses e do Benin). Mas, a maioria vem da África Oriental (etíopes, quenianos e somalis) (SARMENTO et al., 2009). Esta composição varia, no entanto, ao longo do tempo. Patrício (2016) refere uma mudança nesta dinâmica. A maior parte dos fluxos de migrantes africanos passou a ser recentemente proveniente dos Grandes Lagos (agora incluindo ruandeses e ugandeses), a África Austral (Zimbabué, África do Sul, Malawi e Zâmbia) e do Corno de África (Etiópia, Somália e Sudão). A África ocidental apresenta números mais modestos, mas uma composição diversificada (Nigéria, Mali, Serra Leoa, Senegal, Togo e Guiné). São também mencionados imigrantes oriundos dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP). Abaixo pode se observar o quadro ilustrativo da composição dos cidadãos imigrantes africanos em 2017, de acordo com Rodrigues (2018).



Tabela 1 - Imigrantes africanos em 2015

Malawi	77488
Zimbabué	25 429
Africa do Sul	8897
Lesotho	7840
Tanzânia	7652
Zâmbia	5943
República Democrática do Congo	2337

Fonte: Rodrigues (2018).

De acordo com o recenseamento geral da população e habitação de 2017, o país contava com cerca de 27.106.207 habitantes, dos quais 26.899.105 eram de nacionalidade moçambicana e 207.102 eram cidadãos estrangeiros. O censo de 2017 revela uma nova variação na composição dos imigrantes, conforme se observa na tabela abaixo.

Tabela 2. Composição da população imigrante africana por nacionalidade em 2017

<b>Origem</b>	<b>Efectivo</b>
Malawi	65 295
Zimbabwe	15 083
Africa do Sul	14 698
Tanzânia	10 083
Burundi	3 418
Zâmbia	2 388
Ruanda	1 626
Outros	232 935

Fonte: RAIMUNDO, 2020

Raimundo (2020), refere que uma das razões para a ocorrência massiva de imigrantes africanos em Moçambique a partir da terceira fase é, sem dúvida, a crescente exploração de recursos naturais destinados a exportação, nomeadamente o ouro e a madeira em touras extraídos no Centro e Norte do país, principalmente a partir de 1990. O Acordo Geral de Paz assinado em 1992 entre a Frente de Libertação de Moçambique e



a Resistência Nacional de Moçambique, os dois maiores partidos políticos do país, a abertura da economia ao Investimento Directo Estrangeiro (IDE) e os conflitos politico-militares na região dos Grandes Lagos são considerados motivos suplementares pelos quais numerosos imigrantes optam por escolher a África Austral, incluindo Moçambique.

Raimundo (2020) aponta que na região Sul do país, onde se situa a cidade de Maputo, a travessia das fronteiras internacionais é facilitada e impulsionada pelos laços de parentesco existentes entre as populações fronteiriças, pelos acordos de facilitação de circulação entre Moçambique e países vizinhos, como o reino de Enswatine e África do Sul, Malawi e Tanzânia. Estes países concordaram em facilitar o movimento de pessoas e bens entre si, em harmonizar a moeda e, a partir de 2008, promover o livre comércio. O mercado comum foi criado em 2015, a união monetária em 2016 e a moeda única foi estabelecida para as trocas comerciais em 2018.

No que diz respeito a problemática da participação dos migrantes africanos na produção dos espaços urbanos, Rodrigues (2018) aponta a dificuldade de analisar detalhadamente e de forma evolutiva esse fenómeno. As pesquisas esbarram na precariedade da recolha, tratamento e análise de dados sobre as migrações. Para esta autora, após o término da guerra civil em 1992, registou-se em Moçambique um aumento significativo da imigração motivado pelo *boom* económico da virada do milénio que está na origem de transformações territoriais. Muanamoha e Raimundo (2017) refutam essa ideia e sustentam a tese de que Moçambique é um dos países da África Austral com intensa mobilidade populacional cuja principal consequência espacial é a intensificação do processo de urbanização. Além da evolução da taxa de mortalidade e da fecundidade, o crescimento demográfico das cidades do país resulta também dos movimentos migratórios rural-urbana, devido a forte proletarianização da população rural moçambicana já mesmo no período anterior a independência. Para Feijó (2017), assim como aconteceu em muitas cidades africanas no período pós-independência, a desestruturação da economia rural e urbana, os efeitos desestabilizadores dos assentamentos populacionais provocados pela Guerra Civil e a duplicação da população na década 1990, foram importantes factores da perpetuação dos fluxos migratórios entre espaços rurais e urbanos.

O movimento imigratório internacional se traduz, por sua parte, por uma busca por espaços residenciais e de trabalho em cidades já saturadas demograficamente e com falta de empregos. Do seu lado, a fragilidade institucional dos governos nacionais e locais,



agrava outros impactos negativos no cumprimento dos planos urbanísticos da organização do território, sobre o meio ambiente e em termos de informalidade.

A mobilidade dos Africanos apresenta-se de forma muito complexa. Além do tradicional êxodo rural, devemos mencionar as migrações circulares, interurbanas e intraurbanas. Isso explica que as áreas urbanas africanas apresentem características remetendo aos mesmo tempo à urbanidade e à ruralidade (JENKINS, 2017). As estruturas urbanas pouco flexíveis não acompanham as mudanças migratórias e o crescimento da população. As cidades se adensam, crescem horizontalmente e espaços periurbanos se verticalizam (JENKINS, 2017). Actualmente na região subsaariana, estes espaços dominam os espaços interiores e exteriores ao urbano sem integração ou consolidação das infraestruturas e marcadas pela informalidade.

Segundo Jenkins (2017), as áreas periurbanas constituem 90% do espaço urbano subsaariano. O periurbano é, entre outras coisas, o produto de novas formas de ocupação espacial ao longo das estradas ou vias de acesso às áreas centrais onde migrantes se instalam considerando as oportunidades para realizar actividades comerciais. Surgem o que se tem chamado de aldeias lineares (JENKINS, 2017). Outros espaços atrativos para os imigrantes são lugares sediando projetos de grande escala, nos sectores agro-industrial, da extração de recursos minerais, do turismo de lazer ou de segundas habitações. Além disso, se firmam polos de atração de fluxos migratórios como postos fronteiriços, estradas, ferrovias e portos (JENKINS, 2017). É notável que, embora não se possa estabelecer uma relação directa com os processos de urbanização desses lugares, pode observar-se a transformação de aldeias ou de pequenas cidades em centros urbanos emergentes, onde é inegável o papel das migrações na constituição de novos centros de gravitação.

Os imigrantes internacionais, assim como os turistas internacionais, os trabalhadores da ajuda internacional e do desenvolvimento, criam novos padrões de assentamento espacial e novas dinâmicas de articulação a nível nacional. Os imigrantes africanos que alcançam a cidade de Maputo desenvolvem as mais diversificadas actividades, fundamentalmente no comércio formal e informal engrossando a actividade que já ocupa por mais de 70% dos ativos nacionais (PATRÍCIO, 2016).

Em relação a criação de novos assentamentos pela população imigrante na cidade de Maputo, podemos observar algumas transformações na zona urbana bem como na sua periferia. Na zona urbana, observa-se no Centro da cidade, especificamente na baixa da

cidade, um processo de substituição massiva dos antigos proprietários de estabelecimentos comerciais (principalmente de origem indiana) pelos novos imigrantes africanos. É em particular o caso nos seguintes bairros: Alto Maé, Central, Malhangalene etc. Os migrantes africanos compram ou arrendam imóveis para seus negócios, dedicando-se no sector comercial formal, à venda de alimentos, roupas, artigos eletrónicos (como telefones celulares) e outros.

Alem da compra e do arrendamento de antigas casas comerciais, as práticas de arrendamento são também notáveis em áreas mais residenciais, em particular a proximidade das paragens dos transportes públicos e dos semi-colectivos. Verifica-se, porem, um diferencial. Neste caso, qualquer pequeno espaço disponível pode ser negociado com o proprietário do imóvel, que aluga às vezes apenas a parte frontal da sua residência ao imigrante, que instala ali seu negócio informal.

33

Figura 2. Barracas comerciais ao longo da Avenida de Moçambique, Maputo



Fonte: Acervo da autora

No centro da cidade, na periferia e nos mercados a grosso ou a retalho, notamos a presença de imigrantes. Competem com os nativos nos negócios, introduzem novas formas de fazer negocios e prosperam rapidamente. Este facto leva os comerciantes nativos e outros cidadãos nacionais a questionarem as razões do seu sucesso. A venda a retalho de produtos alimentares conheceu transformações, como as observáveis na venda de frango em pedaços onde são aproveitados todos os tipos de cortes (coxas, peito, asas, patas ou pé, pescoço, moelas fígados e coração, incluindo a pele e a cloaca ou cauda).



Algumas mudanças introduzidas no sector comercial formal e informal relacionam-se, também, com o alongamento dos horários de funcionamento dos estabelecimentos para além do estipulado pela lei.

Os imigrantes trazem também para Moçambique e Maputo, influencias sobre a indumentária urbana. É notória a chegada constante de novos modelos de tecidos (capulanas com qualidade e padrões diferenciados) oriundos de diversos países do continente, que modificam a forma típica das vestimentas dos cidadãos, de todas as camadas sociais. Proliferam, na cidade, alfaiates e estilistas de países africanos que, em conjunto com os locais, introduzem novas combinações e propostas de traje e uma moda para cada ocasião, dominando as ocasiões festivas. Em paralelo com o traje, novas propostas são trazidas também na área do cabeleireiro.

Nos bairros periféricos, pode se notar a presença de novas igrejas (evangélicas proféticas), onde o grupo congrega entre si. Nestas, é notória a presença dos imigrantes visivelmente identificados pelo seu traje, língua e viaturas (na maioria, carrinhas mini-bus). Gradualmente, verifica-se a congregação nestes cultos de cidadãos nacionais, movidos pelo evangelismo.

## CONCLUSÃO

A imigração não é um fenómeno novo no continente africano. Ela perdura no tempo desde o período pré-colonial onde assumiu diversas motivações e características e conheceu várias dinâmicas até aos nossos dias. Na época colonial, a migração rural-urbana foi importante fonte de provisão da mão-de-obra para a administração e a economia coloniais e alimentou o crescimento da população urbana de Maputo. Com o final da guerra civil, os novos investimentos e a relativa prosperidade económica de Moçambique explicam que as principais cidades, em particular Maputo, tenham sido assoladas por vagas de imigrantes de todo o mundo, dentre os quais africanos. Os novos cidadãos da cidade de Maputo, continuam a desenvolver as suas actividades nos mesmos sectores em que trabalhavam nos seus países e também no sector comercial formal e informal. Embora seja visível o seu papel nos aspectos acima referidos, os imigrantes africanos criaram poucas influencias na construção de novos usos do solo urbano na cidade de Maputo.

## BIBLIOGRAFIA

- ADEPOJU, A. Regional organization and intra-regional migration in sub-saharian Africa: Challenges and prospects. **International Migration**, nº 39, 2021, p.43-60.
- BAKEWELL, O. JONSSON, G. **Migração, mobilidade e a cidade africana. Relatório de síntese sobre o programa de pesquisa perspectivas africanas sobre mobilidade humana.** 2011.
- BOA, A. F. P. da. **As causas/motivações da emigração dos profissionais de soldadura. Instituto Politécnico de Setúbal.** Dissertação apresentada para o cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de mestre em Gestão Estratégica dos Recursos Humanos. Setúbal, 2016.
- FEIJO, J. Ruralização das cidades ou urbanização do campo? Reflexão introdutória sobre os movimentos migratórios rural urbano. In FEIJO, J. **Movimentos migratórios e relações rural-urbanas: estudo de casos em Moçambique.** Maputo: Alcance editores, 2017.
- Instituto Nacional de Estatística - INE. **IV Recenseamento Geral da População e Habitação.** Moçambique 2017. Resultados definitivos. Maputo: INE, 2019.
- JENKINS, P. Migrações, urbanização e densificação populacional. Para uma melhor compreensão da rápida urbanização na África subsaariana. In Feijó (Coord.). **Movimentos migratórios e relações rural-urbanas: estudo de casos em Moçambique.** Maputo: Alcance editores, 2017, p. 161-168.
- MUANAMOHA, R. C. RAIMUNDO, I. M. Migração campo-cidade e integração no meio urbano. In: FEIJÓ, RAIMUNDO (Coord.). **Movimentos migratórios para áreas de concentração de grandes projetos.** Maputo: Publifix edições, 2017, p. 63-84.
- MURPHY, C. C. The Spatial impact of migration. **The journal of public space.** v. 3, n. 3, 2018.
- PATRICIO, G. Compulsando as migrações internas e internacionais em Moçambique. **Interespaço.** v. 2, n. 5, p. 78-101, 2016
- PATRICIO, G.; PEIXOTO, J. Migrações forçadas na Africa subsaariana: alguns subsídios sobre refugiados em Moçambique. **REMHU. Rev. Interdisciplinar de Mobilidade Humana.** Brasília, v. 26; n. 54, 2018, p.11-30.
- RODRIGUES, C.U. Migração, movimento e urbanização em Angola e Moçambique. **Desafios para Moçambique 2018.** Maputo: IESE, 2018, p.449-470.



SARMENTO et all. **Imigração em Moçambique: impacto socio-político e económico cultural.** Maputo:ISRI, 2009

TRENOR, B. A. **Los fluxos migratórios actuales en Africa subsaariana: el predominio de la migración intra-africana sobre la extra-africana.** n. 50, Documento de trabajo. Madri: Real Instituto Elcano. 2008. Disponível em:  
<http://www.realinstitutoelcano.org/wps/wcm/connect/080530804f019822ba64fe3170baead1/DT50>

RAIMUNDO, I. M. **International migration dynamics in Mozambique and natural resources exploration.** Gold and forest predation. ASC-TUFS, Working Papers, V. 1, 2021, [http://www.tufs.ac.jp/asc/ASC-TUFS\\_WP\\_01\\_273-299raimundo\\_web.pdf](http://www.tufs.ac.jp/asc/ASC-TUFS_WP_01_273-299raimundo_web.pdf)